



## **COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A. M. OLIVEIRA**

**JOÃO REBOCHO, UNIVERSIDADE DE LISBOA  
CATARINA VIEGAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

### **A evolução e a resistência no cinema português**

**O** presente ensaio pretende, tal como o título indica, tentar compreender e explorar os objectos cinematográficos que o cinema português cria; e, evidentemente, desembaraçar o significado do próprio cinema português, ou se preferirmos um conceito mais mobilizador: o cinema nacional. Assim, partimos das entrevistas que os cineastas Luís Ismael e Paulo A. M. Oliveira nos concederam para este estudo e procuramos, conhecendo, por sinal, o seu perigo, uma resposta para a interrogação colocada.

Para confluir uma maior corrente de transparência e de inerência com a matéria aqui tratada será levantada uma ponte onde as ideias e as propostas cinematográficas de ambos os realizadores possam concorrer simultaneamente, de modo a que, seguindo uma linha temporal indefinida, mas sempre pronta para ser estreita mediante a necessidade, consigamos uma perspectiva histórica mais enriquecedora, heterogénea, e, servindo-nos de uma expressão de Kurt Lewin, apresentar uma perspectiva capaz de corresponder à ideia de que "Não há nada mais prático do que uma boa teoria."<sup>1</sup>. Esta afirmação apregoa uma forte carga reflexiva pendulando na dependência de uma animosidade prática perante o valor da teoria, e a sua inclusão neste texto não é, de maneira alguma, inocente. O cinema português e a sua historiografia promovida nas últimas décadas por um maior número de figuras vinculadas às Ciências Sociais e Humanas nem sempre se modelou com este ritmo e



## **COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A. M. OLIVEIRA**

**JOÃO REBOCHO, UNIVERSIDADE DE LISBOA  
CATARINA VIEGAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

com esta acessibilidade, principiou até, como refere Paulo Cunha em "Para uma história das histórias do cinema português", por "curiosos, entusiastas e autores que estavam comprometidos com o próprio objecto."<sup>2</sup>, representando - se tivermos em consideração o actual desfasamento entre cinema de autor português e as massa - um vestígio do que viria a acontecer. É certo que o desejo de aproximar o público das salas de cinema se mostrou como um dos principais sentimentos dos primeiros cineastas, estrangeiros e portugueses, a produzirem filmes em Portugal e o seu sucesso é, também, discutível, mas se um aumento substancial de teorias, independentemente dos juízos de valor tecidos, se materializa duplamente – ora em teoria, ora em prática – que explicação teremos para o estado sombrio no tratamento do cinema português nas mais variadas salas nacionais. Poderá ser o aumento significativo de criações cinematográficas em conjunto com a disposição de degradantes recursos e ligeiros financiamentos causa e efeito da linguagem identitária do cinema português? E qual será a designação para a atitude perante o cinema nacional: resistência artística?

Este exercício é indissociável das problemáticas da carência de financiamentos, dos embaraços que existem em projectar imagens em Portugal e, aproveitando a pertinência na divergência e dissemelhança de Luís Ismael e de Paulo A. M. Oliveira, sabendo, claro, que em muitas matérias partilham do mesmo ponto de vista, desenvolver o diálogo entre os seus estilos, — a comédia e o terror –, respectivamente, inspirações e visões. Luís Ismael, natural de Valongo, passou grande parte da sua juventude entusiasmado com as salas de espectáculos, com as bibliotecas onde procurava conhecimento sobre o processo da projecção de imagens, e com este espírito autodidacta a reflectir-se na criação da "Associação Cinematográfica de



## **COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A. M. OLIVEIRA**

**JOÃO REBOCHO, UNIVERSIDADE DE LISBOA  
CATARINA VIEGAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

Valongo"; por outro lado, Paulo A. M. Oliveira ocupou-se de adiar o interesse pelo cinema de terror participando, com muito sucesso, na indústria musical e alcançando algum estrelato com a banda "Sexto Sentido" Importa destacar a transversalidade existente na sétima arte, não só pelo contacto com a música, enquanto expressão próxima da área cinematográfica, como observamos no percurso do Paulo A. M. Oliveira, mas ainda, se recuarmos e utilizarmos a descomprometida e indefinida linha temporal acima mencionada, o recurso e a íntima abordagem à literatura no decorrer dos anos 20, período em que se desenvolvem em Portugal as primeiras longas metragens de ficção, *Os olhos da Alma* (Roger Lion, 1924), *As Pupilas do Senhor Reitor* (Maurice Mariaud, 1923), inspirado na obra de Júlio Diniz, ou até mesmo *Os Lobos* (Rino Lupo, 1923).

As conversas que efectuámos com os dois realizadores mostraram-se curiosas e, se considerarmos o início do percurso de cada um dos realizadores, muito reveladoras. Natural de Valongo, Luís Miguel da Rocha Ferreira, mais conhecido como Luís Ismael, é realizador, argumentista, actor e produtor de filmes na Lightbox e já conta com a trilogia *Balas e Bolinhos*, *Bad Investigate*, *1618* e *Serafad*. Actualmente, está a trabalhar num novo projecto: um filme biográfico sobre o «Chico Fininho». Já Paulo A. M. Oliveira, nascido em Moçambique, licenciou-se em Eng.<sup>a</sup> Multimédia pelo Instituto de Tecnologia Avançadas de Lisboa (ISTEC), tornou-se Mestre em Cinema e Televisão (NOVA FCSH), e é ainda doutorando no curso de Artes Performativas e da Imagem em Movimento na Faculdade de Belas Artes (FBAUL). *(in)Focus*, *Vegan Girl*, *Calipso*, *Canção de Embalar*, *Häushen - A Herança* são as curtas-metragens nas quais participou. Ao longo das entrevistas pouco tempo foi necessário para testemunharmos o modo artesanal que, no caso de Luís Ismael, se afivelou aos



## **COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A. M. OLIVEIRA**

**JOÃO REBOCHO, UNIVERSIDADE DE LISBOA  
CATARINA VIEGAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

primeiros filmes, seja pela utilização de apenas uma "câmara de vídeo" e uma curta-metragem amadora que nunca entrou no seu currículo, como ainda pelas importantes filmagens de casamentos que, para além de despertarem um carácter dinâmico e pouco confuso para produzir, durante a sua carreira, longas-metragens com poucos meios – destreza comum em tantos realizadores portugueses – permitiram também uma maior interacção e experiência no campo da imagem. Depois, caminhamos em direcção à filmografia e, naturalmente, à famosa trilogia *Balas e Bolinhos* que representa, no género do humor e da comédia, uma referência cristalizada pelo inesperado sucesso nas bilheteiras devido, em grande medida, ao virtuoso sentimento de coragem quando se constroem obras perante cenários pessimistas. A concordância dos dois realizadores acerca de não ser necessária uma formação académica para fazer cinema é irrefutável. Contudo, a experiência de Paulo A. M. Oliveira demonstra a prevalência do estudo, mais detalhado e especializado, como um processo importante aliada à aproximação das diversas funções de assistência de imagem e produção. Um contacto rotativo pelos departamentos que integram uma equipa na rodagem de uma longa ou curta-metragem agilizam, para além do conhecimento de cariz técnico, análises mais precisas acerca da versatilidade exigida na produção de um filme. Num quadro geral, concorrem similarmente as inspirações no cinema norte-americano onde as referências a *Pulp Fiction* (Quentin Tarantino, 1994) e a Hitchcock marcam as suas obras. Porém, se à partida este factor pode parecer um impeditivo à presença de um discurso pessoal, identitário, de autor, conseguimos compreender, através das conversas realizadas, que ambos integram nos seus planos, quase ontologicamente, raízes portuguesas. A admirável superação aos estreitos acessos do financiamento do ICA, a premiação em festivais de cinema nacionais e internacionais, a língua, as



## **COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A. M. OLIVEIRA**

**JOÃO REBOCHO, UNIVERSIDADE DE LISBOA  
CATARINA VIEGAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

paisagens ou as realidades humanas e naturais em alguns dos seus filmes tratam desses mesmos motivos portugueses. Todavia, há uma ideia partilhada por ambos os cineastas e, sabendo também do fascínio que sentem pelo cinema comercial norte-americano, o carácter transnacional é inescapável nas suas filmografias, seja pela dimensão temporal transferida, aproximando-se de uma maior rapidez; o estilo de vida das personagens onde o exemplo do conjunto de criminosos "à portuguesa" da trilogia de *Balas e Bolinhos* se pode assemelhar a uma adopção ou deslocação dos famosos marginais americanos, que lidam diariamente com a justiça e com os problemas estruturais do seu país; e ainda a tentativa de não reduzir o seu cinema a linhas elitistas promovendo-o, naturalmente, a um público abrangente – para as massas –, utilizando as novas plataformas de *streaming* como ferramentas essenciais para a divulgação dos seus filmes, disponíveis em qualquer parte do mundo. É de salientar, aliás, o facto de *Bad Investigate* de Luís Ismael ter sido um dos primeiros filmes portugueses a estar presente na Netflix.

Entre muitos aspectos a destacar no cinema em Portugal, torna-se cada vez mais nítida a sua dependência em relação ao financiamento – oscila anualmente entre um maior ou menor apoio – mas permanece sempre insuficiente, segundo os próprios realizadores. Temos, então, o exemplo de Luís Ismael que nos contou que, após 10 anos, nunca conseguiu obter financiamento estatal e aguarda agora por uma resposta positiva para o seu próximo projecto, apesar dos recentes sucessos na bilheteira; ou o exemplo de Paulo A. M. Oliveira, que nos testemunhou esta dificuldade sentida uma vez que outros géneros serão beneficiados no nosso país em detrimento do género do terror.

Lança-se a questão acerca da dificuldade, quase trágica, de fazer cinema em



## **COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A. M. OLIVEIRA**

**JOÃO REBOCHO, UNIVERSIDADE DE LISBOA  
CATARINA VIEGAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

Portugal e qual a responsabilidade, concomitante aos desagradáveis apoios, da sua auto-reflexividade que, para Maria do Rosário Lupi Bello, se insere num espaço social do cinema em Portugal, vejamos: "É, no entanto, possível identificar a constância dessa tendência auto-reflexiva, que faz do nosso cinema um permanente e exigente lugar de análise social, histórico-política e cultural (independentemente da sua qualidade técnica e estética e de alguns casos de maior popularidade)."<sup>3</sup> Quantos realizadores viram os seus projectos serem cancelados ao inteirarem-se que não têm meios para os concretizar ou a "exigência" acima referida desencoraja e contamina a liberdade artística? Perante esta excessiva e compreensível incerteza, nomeadamente para jovens e estudantes interessados na área do Cinema, tanto Luís como Paulo se mostram convictos que um bom ponto de partida estará no progresso dos estudos, sejam eles teóricos ou práticos; na astúcia necessária principalmente no início do percurso dentro da indústria cinematográfica; e a fundamental encarnação de uma visão "não olhando à crítica", segundo Luís Ismael nos confidenciou. Neste sentido, apercebemo-nos da complexidade de discutir aquilo que pode ou não ser o cinema nacional, pelo que a questão continuará a ter as mais variadas e opostas respostas possíveis. Esta discussão é, acima de tudo, um vantajoso processo de desconstrução inseparável de uma atenção especial à história do cinema nacional escrita não só pelos elementos das Ciências Sociais e Humanas, a partir das últimas décadas, como ainda dos entusiastas e dos autores do primeiro e do segundo quartel do século XX. Se para Luís Ismael o cinema português "não existe" e se para Paulo A. M. Oliveira é uma "expressão artística", o presente ensaio ordena-se num rescaldo de perspectivas e ideias recebendo dois dos muitos realizadores da nova vaga. O cinema nacional, segundo Tiago Baptista "...foi (e continua a ser) um conceito ideologicamente muito



## **COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A. M. OLIVEIRA**

**JOÃO REBOCHO, UNIVERSIDADE DE LISBOA  
CATARINA VIEGAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

carregado que determinou muito do que os filmes portugueses foram (e também muito do que não puderam ser) ao longo do último século"<sup>4</sup> produto das múltiplas inspirações e vivências transparecidas pela singularidade de cada autor e de cada época em que a obra se inventa; é possível, ainda, observar e reflectir acerca do alinhamento com correntes cinematográficas internacionais, seja por que motivo for, como as técnicas de filmar, a gramática visual, ou os temas retratados. Trata-se ainda de uma arte em constante mutação pelo que cada vez mais descobrimos novos realizadores que, conseqüentemente, podem dar novos contributos na área e novas ideias sobre o que de facto é o cinema português.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

**BAPTISTA, T. (2010). "Nationally Correct: The Invention of Portuguese Cinema" *Portuguese Cultural Studies*, Vol. 3, N. 1.**

<https://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1011&context=p>

**BELLO, M. (2009). "A implosão do Cinema Português: Duas Faces da Mesma Moeda". *Portuguese Cultural Studies*, Vol. 3, Spring.**

**CUNHA, P. (2016). "Para uma história das histórias do cinema português" *Aniki*, vol.3, n.º 1, 2016. <https://doi.org/10.14591/aniki.v3n1.231>**

### **Notas biográficas dos autores**

**JOÃO REBOCHO** – Licenciando em Artes e Humanidades com *Major* em História e *Major* em Artes e Culturas Comparadas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conto com alguma poesia publicada nas edições Nº 82 e Nº 83 da revista *Os Fazedores de Letras* e uma ficção que se poderá ler na próxima edição Nº 85. Sou um dos programadores culturais na Galeria de Arte Olga Campos em Vialonga e os meus interesses revelam-se, naturalmente, nos interdisciplinares debates e exposições que promovemos, concorrendo simultaneamente com a minha actual formação



## **COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A. M. OLIVEIRA**

**JOÃO REBOCHO, UNIVERSIDADE DE LISBOA  
CATARINA VIEGAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

académica: História Contemporânea, Arte Moderna, Literaturas Pós-Coloniais Comparadas e, finalmente, o Cinema e a sua forma em Portugal.

CATARINA VIEGAS – Licenciada em Artes e Humanidades com *Minor* em Artes do Espectáculo e Minor em Ciências do Património na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O mundo das artes despertou-me a curiosidade desde cedo, pelo que o cinema é a área que mais me interessa. Ingressei ainda, em 2020, no curso de "Temas da História da Arte em Portugal" na Sociedade Nacional de Belas Artes.

### **Resumo**

A multiplicidade conceptual encontrada na historiografia do cinema nacional é, sobretudo, inseparável das mentalidades e da época em que cada trabalho se situa. As Ciências Sociais e Humanas promoveram, nas últimas décadas, diversas incursões sobre o cinema português inclinando-se, com sucesso, sobre a componente teórico-prática. Porém, conhecendo a dificuldade em preencher salas de cinema que exibem filmes portugueses, é lançada a questão acerca do elevado grau de descomprometimento e de que lado estará a responsabilidade: do autor ou do público? A partir de uma entrevista realizada aos cineastas Luís Ismael e Paulo A. M. Oliveira, directores de uma nova vaga nacional, o actual texto esforça-se para se aproximar desta esfera cultural que, ainda levando consigo o mundo, merece uma denominação nacional.

### **Abstract**

The conceptual multiplicity found in the historiography of Portuguese cinema is, above all, inseparable from the mentalities and the time in which each work is situated. The Social and Human Sciences have, in recent decades, promoted several incursions into Portuguese Cinema and successfully leaning on the theoretical-practical component. However, knowing how difficult it is to fill cinemas that display Portuguese films the question is raised about the high degree of disengagement and on which side will be the responsibility: of the author or the public? From an interview with filmmakers Luís Ismael and Paulo A. M. Oliveira, directors of a new national "vague", the current text strives to approach this cultural sphere that, still taking with it the world, deserves a national denomination.

### **Keywords**

**Cinema, Portuguese Cinema, History of Portuguese Cinema, National filmmakers.**